

**Fabiana Soares Fernandes**  
Aluna do Programa Doutoral em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; Membro do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida; Professora da Universidade Federal de Amazonas/Brasil-UFAM  
[fabby\\_fer@hotmail.com](mailto:fabby_fer@hotmail.com)

**Carlos Manuel Gonçalves**  
Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; Coordenador do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida  
[carlosg@fpce.up.pt](mailto:carlosg@fpce.up.pt)

# Jovens brasileiros e portugueses atribuem os mesmos significados ao trabalho? Um estudo transnacional.

## Resumo

Este estudo integra-se numa investigação mais ampla que está a ser desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Psicologia na Universidade do Porto. Esta comunicação apresenta uma comparação sobre os resultados do estudo a cerca dos Significados Atribuídos ao Trabalho pelos alunos do ensino secundário no Brasil e em Portugal. Participaram desse estudo 1446 adolescentes brasileiros, sendo 663 (45.9 %) do sexo masculino, e 731 jovens portugueses, sendo 365 (50 %) do sexo masculino. O instrumento utilizado é a Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho (versão abreviada no Brasil e versão completa em Portugal). Os resultados indicam a existência de diferenças entre os alunos em função do sexo tanto em Portugal como no Brasil, mas não existem diferenças em função do contexto cultural. Os dados sugerem que apesar das diferenças no contexto cultural dos dois países os jovens investigados interpretaram seu contexto e atribuíram semelhantes significados ao trabalho.

**Palavras-chave:** significados do trabalho; ensino secundário; jovens brasileiros; jovens portugueses

O trabalho faz parte da vida do ser humano desde os tempos mais primordiais, porém, ao longo dos séculos, as formas de perceber e dar sentido ao trabalho vem se modificando (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Gonçalves, 2008; Lassance & Sparta, 2003; Ribeiro & Léda, 2004).

Fazendo uma breve retrospectiva histórica, constatamos que na Grécia Antiga o trabalhador tinha uma posição reconhecida, equivalente a nossa classe média. Encontravam-se entre os mais ricos (a aristocracia) que não eram muitos e a grande massa de escravos que faziam a maior parte do trabalho. Entretanto na Grécia Clássica, a atividade do trabalhador passa a ser menos reconhecida sendo realizado prioritariamente por escravos (De Masi, 2000; Sennett, 2009). A visão sobre o trabalho irá transformar-se progressivamente a partir do Renascimento, quando o trabalho passará então a ser visto como uma forma de construção da identidade do homem e de sua realização (Ribeiro & Léda, 2004).

Com a Revolução Industrial (final do séc. XVIII e início do séc. XIX), o trabalho, até então manufaturado e artesanal, passa progressivamente a ser realizado por máquinas. Essas constituíram-se numa ameaça a maioria dos trabalhadores qualificados, uma vez que as máquinas substituíam a mão de obra especializada e cara (Sennett, 2009). Assim, as relações de trabalho são marcadas pelo controle do tempo e divisão extrema do trabalho (em que cada trabalhador realiza uma pequena tarefa, com a máxima precisão possível – fordismo – e pela produção em série – taylorismo). Os homens foram substituídos pelas máquinas, a produção aumentou consideravelmente, a mão de obra ficou mais barata, como consequência, vai emergindo e aumentando o fenômeno do desemprego, sobretudo nas sociedades ocidentais, ditas desenvolvidas. (Arruda, 2010; Ribeiro & Léda, 2004).

Na perspectiva de Bauman (2001) o trabalho mudou de caráter, perdeu o valor que lhe fora atribuído na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado. O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida. Nem por ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual. Em vez disso, o trabalho adquiriu – ao lado de outras atividades da vida – uma significação principalmente estética. Espera-se que seja satisfatório por si mesmo e em si mesmo, e não mais medido pelos efeitos genuínos ou possíveis que traz a nossos semelhantes na humanidade ou ao poder da nação e do país, e menos ainda à bem-aventuranças das futuras gerações. Poucas pessoas apenas – e mesmo assim raramente – podem reivindicar privilégio, prestígio ou honra pela importância e benefício comum gerados pelo trabalho que realizam. Raramente se espera que o trabalho “enobreça” os que o fazem, fazendo deles “seres humanos melhores” (aspas do autor), e raramente alguém é elogiado por isso (Bauman, 2001, p. 160).

Perante o atual cenário do mundo do trabalho nas sociedades ocidentais, vive-se uma contemporaneidade complexa em que o ritmo vertiginoso das mudanças bruscas de uma economia neoliberal, alicerçada na competitividade, na flexibilização, na deslocalização, mobilidade, imprevisibilidade, incerteza, desemprego estrutural, risco e o caos entram em competição com o tempo do homem comum, podendo deixá-lo à deriva nas múltiplas dimensões da sua vida, afetando radicalmente as relações consigo próprio, com os outros, com a família, com o mundo e com os seus referenciais éticos (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Os subprodutos que emergem do novo capitalismo das economias neoliberais em colapso têm dificuldades em oferecer uma narrativa coerente de vida pessoal e de garantir uma sólida linha de rumo porque os acontecimentos sucedem-se num ritmo acelerado sem proporcionar momentos para a integração dos mesmos, e poder emergir uma história com significados. Rushdie (1991) afirma que o *self* atual é “um edifício fragmentado, ambíguo e inseguro construído a partir de retalhos, dogmas, injúrias infantis, artigos sensacionalistas de opinião, comentários casuais, pequenas vitórias, gente que odiamos e amamos” (Rushdie, 1991, p. 12). Para o autor, a narrativa pessoal e social constrói-se a partir de uma fragmentação acumulada de experiências efêmeras feitas de sucessivos agoras e de recomeços contínuos. Na perspectiva de Giddens (1997), “O *self* nas sociedades contemporâneas é débil, quebradiço, fraturado, fragmentado... tal como o mundo social se torna disperso, também o *self* deixa efetivamente de existir com um sentido de coerência; o sujeito singular é um sujeito descentrado que encontra a sua identidade nos fragmentos da linguagem e dos discursos” (Giddens, 1997, p.156).

Segundo Mosquera (2004), o trabalho adulto vem sendo hierarquizado de acordo com a preparação técnica e especializada do trabalhador, de forma que não podemos pensar o valor atribuído ao trabalho como uma *livre escolha* uma vez que a cada dia se impõe mais a necessidade de treinamentos para poder assumir determinada função. Bauman (2001) ressalta que esse treinamento deixou de ser um empreendimento coletivo e passou a ser individual, de forma que cada trabalhador deve investir em sua qualificação (custeando as despesas) a fim de buscar uma condição satisfatória que lhes permita ingressar no mercado de trabalho. “Há uma certa incongruência entre aquilo que os indivíduos desejam ser e aquilo que eles podem ser” (Mosquera, 2004, p. s/n).

De acordo com Mosquera (2004), “o trabalho provoca nos seres humanos, diversos comportamentos. Em alguns, evidencia a necessidade de mudar, sendo pois a variedade um aspecto muito importante para a satisfação de um bom desempenho profissional” (Mosquera, 2004, p.s/n). Diante das inúmeras mudanças que ocorreram (e continuam ocorrendo) no mundo do trabalho, especialmente na sociedade pós industrial, onde o trabalho vem se tornando um bem cada vez mais escasso, e tendo como objetivo conhecer os significados atribuídos pelos indivíduos ao trabalho, e quais as dimensões mais valorizadas pelos mesmos.

## Método

### Participantes

Participaram nesta investigação 1446 adolescentes brasileiros e 731 portugueses. No Brasil os alunos participantes eram finalistas do 12º Ano, em Portugal participaram alunos do 12º e do 9º Ano. O gráfico 1 apresenta a distribuição em relação ao sexo e ano de escolaridade e o gráfico 2 a idade média dos participantes. Em ambos os países os alunos eram provenientes de escolas públicas e privadas, conforme pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 1. Distribuição da amostra em relação ao sexo e ano de escolaridade.

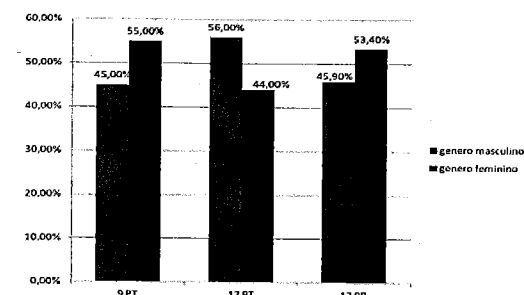


Gráfico 2. Idade média dos participantes.

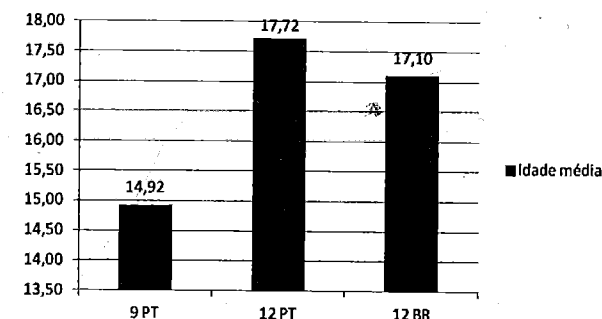
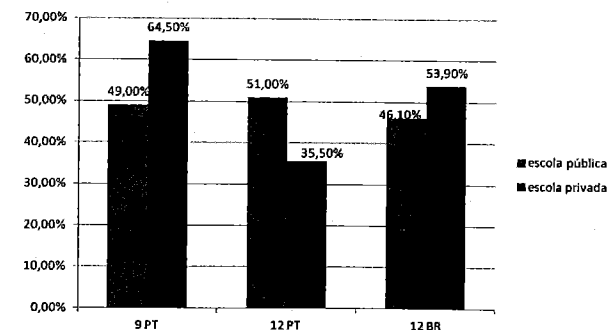


Gráfico 3. Distribuição da amostra em relação ao tipo de escola frequentada.



## Instrumento

Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho foi criada em 2003 e aperfeiçoada em 2004, conforme explicitado na introdução. A versão utilizada nesse estudo é a Abreviada, desenvolvida em 2008 por Sobral, Gonçalves e Coimbra. A ESAT-R (Versão Abreviada) é um instrumento de autorrelato composto por 35 itens respondidos de acordo com uma escala do tipo *Likert* de 6 pontos sendo (1) Discordo totalmente, (2) Discordo raramente, (3) Discordo às vezes, (4) Concordo raramente, (5) Concordo às vezes e (6) Concordo totalmente (Sobral, Gonçalves & Coimbra, 2008). Ela pode ser aplicada individualmente ou coletivamente e não possui limite de tempo. O instrumento tem origem Portuguesa e avalia os Significados Atribuídos ao Trabalho.

Os participantes devem avaliar em que medida concordam ou discordam com a combinação da frase inicial – Para mim trabalhar significa... – com os itens sugeridos. Os 35 itens da Versão Abreviada da ESAT – ESAT-R (Sobral, Gonçalves & Coimbra, 2008) utilizada nesse estudo organizam-se à volta de 4 dimensões confirmando a mesma estrutura fatorial da escala original (Gonçalves & Coimbra, 2004). Apresenta-se, de seguida, a definição e constituição de cada subescala da ESAT-R:

- 1) Dimensão da Realização Pessoal do Trabalho: Refere-se ao modo como o trabalho é fonte de satisfação pessoal, contribuindo para a realização do sujeito, desafiando-o para atualizar os seus recursos e competências pessoais. Nessa Dimensão ressaltam-se aspectos relacionados à aprendizagem, crescimento pessoal, competência, motivação, realização. Um exemplo de item desta subescala é: “Para mim trabalhar significa...Uma possibilidade de progressão na carreira”;
- 2) Dimensão Emocional Positiva do Trabalho: Refere-se ao modo como o trabalho permite oportunidades pessoais e sociais satisfatórias, em termos de atividade positiva, criativa e relacional. Um exemplo de item desta subescala é: “Para mim trabalhar significa ... Uma fonte de felicidade e bem estar”;
- 3) Dimensão Econômica do Trabalho: Refere-se ao modo como o trabalho é um instrumento para responder às necessidades fundamentais que são garantia da qualidade de vida pessoal, familiar e a um reconhecimento social. Nessa dimensão ressaltam-se aspectos relacionados ao lado financeiro do trabalho como salário, subsistência e estabilidade financeira. Um exemplo de item desta subescala é: “Para mim trabalhar significa ... A garantia de um bom salário”;
- 4) Dimensão Emocional Negativa do Trabalho: Refere-se ao impacto desgastante, em termos pessoais e familiares, da atividade do trabalho como fonte de preocupação, stress, monotonia, cansaço... Um exemplo de item desta subescala é: “Para mim trabalhar significa... Uma atividade desgastante e cansativa”.

## Resultados

O Significado mais atribuído ao trabalho na amostra portuguesa foram os aspectos positivos do trabalho (Dimensão Emocional Positiva), em segundo lugar o significado mais atribuído foi o de Realização Pessoal e em terceiro lugar percebem os aspectos negativos relacionados ao trabalho (Dimensão Emocional Negativa), conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1. Significados Atribuídos ao Trabalho

Dimensões	Brasil	Portugal
Dimensão de Realização Pessoal	1º Lugar	2º Lugar
Dimensão Emocional Positiva	3º Lugar	1º Lugar
Dimensão Emocional Negativa	4º Lugar	3º Lugar
Dimensão Econômica	2º Lugar	4º Lugar

Ao verificarmos se existiam diferenças entre os sexos nos Significados Atribuídos ao Trabalho constatamos que:

- 1) Na Dimensão de Realização Pessoal do Trabalho, em ambos os países, as raparigas apresentam maiores médias que os rapazes;

- 2) Na Dimensão Emocional Positiva do Trabalho, novamente em ambos os países, as raparigas apresentam maiores médias que os rapazes;
- 3) Na Dimensão Emocional Negativa do Trabalho, em ambos os países, os rapazes é quem apresentam as maiores médias;
- 4) Finalmente, na Dimensão Econômica, não foram detectadas diferenças entre rapazes e raparigas portugueses, entretanto, entre os brasileiros, as raparigas apresentam maiores médias nessa dimensão.

## Discussão

Sobre as diferenças encontradas nos significados atribuídos ao trabalho, constatamos que as raparigas valorizam mais o trabalho como fonte de Realização Pessoal do que os rapazes. A valorização do trabalho como fonte de Realização Pessoal pelos jovens, pode ser explicado segundo Gilmer (1975 citado por Mosquera, 2004), pelo fato de a oportunidade de progresso na carreira ser muito importante e significativa para o ser humano, uma vez que esse progresso implica na promoção da auto-imagem e a auto-estima.

As jovens estudantes também perceberam o trabalho de maneira mais positiva que seus pares. Estudos recentes fundamentam os nossos dados ao demonstrarem que as mulheres têm expectativas profissionais e educacionais mais elevadas que os homens (Mau & Bikos, 2000), tem mais expectativas de frequentar a faculdade (Luper et al., 2004) e apresentam menos pensamentos negativos do que os homens sobre o futuro (Mello & Worrell, 2006).

A dimensão Emocional Negativa acentua-se mais nos rapazes. Este resultado de uma representação mais negativa do trabalho da parte dos rapazes poderá ser explicado pelo fato de estes acederem mais facilmente ao mundo do trabalho do que as mulheres, abandonando precocemente a sua formação para realizarem frequentemente ocupações profissionais menos qualificadas e mais pesadas do ponto de vista dos desgastes físicos. As mulheres, ao continuarem investindo em formações mais longas no Ensino Superior, porque o mundo do trabalho não lhes é tão acessível, constroem representações mais positivas sobre o mundo do trabalho na expectativa de futuras oportunidades a abrirem-se para a afirmação na sua condição do feminino através de uma atividade profissional mais qualificada (Gonçalves, 2008).

Na dimensão Econômica do Trabalho, onde foram encontradas diferenças somente entre os jovens brasileiros, e mais uma vez a pontuação média das raparigas foi superior à dos rapazes. Berlato (2007) constatou essa mesma realidade e afirmou que as mulheres priorizaram nas escolhas profissionais a realização financeira, demonstraram no seu discurso que antes da realização pessoal, buscam o retorno financeiro, e que a escolha da profissão tem como prioridade a remuneração que esta profissão pode oferecer.

## Conclusões

No que diz respeito as diferenças entre os sexos, concluímos que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e a inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho influenciaram positivamente nos significados atribuídos ao mesmo pelas jovens participantes deste estudo.

Apesar dos preconceitos ainda existentes e da resistência do mercado em promover a igualdade de sexo nas profissões (e salários), elas percebem o trabalho como mais positivo do que seus pares do sexo masculino, talvez como uma oportunidade para se afirmarem numa área tradicionalmente dominada pelo masculino.

De maneira geral, os jovens brasileiros e portugueses valorizam dimensões diferentes ao atribuírem os significados ao trabalho. A justificativa dá-se a partir do conhecimento de que construímos significados a partir da interpretação que fazemos do contexto sócio-econômico-cultural no qual estamos inseridos. Ou seja, nossas experiências pessoais aliadas ao contexto histórico que partilhemos nos dão as ferramentas necessárias para enfrentarmos os desafios que a vida nos apresenta. Desta forma, os significados que atribuímos ao trabalho estão embrenhados em nossas famílias, na região que moramos, nas escolas que frequentamos, nas condições econômicas que temos, além do contexto histórico no qual viemos. Uma vez que as oportunidades de estudo e de trabalho não são iguais para todos (Blustein, 2001; Chaves, 2004; Richardson, 1993), os significados atribuídos ao trabalho também não o poderão ser.

## Referências

- Arruda, M. da C. C. (2010). *A Relação Trabalho Educação no cenário contemporâneo*. Anais do VII Seminário do Trabalho: Trabalho, Educação e Sociabilidade. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii7-seminario-trabalho-ret2010/trabalhos-completos-viist2010.html>
- Barreto, M. A. & Aiello-Vaisberg, T. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 107-114.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Berlato, F. R. (2007). *A Relação entre gênero e a escolha profissional de adolescentes*. 2007. Monografia (de Conclusão do Curso de Psicologia). Universidade do Vale de Itajaí-SC, 2007.
- Blustein, D. L. (2001). Extending the reach of vocational psychology: Toward an inclusive and integrative psychology of working. *Journal of Vocational Behavior*, 59, 171-182.
- Chaves, A. P., Diemer, M. A., Blustein, D. L., Gallgher, L. A., & DeVoy, J. E. (2004). Conceptions of Work: The View From Urban Youth. *Journal of Counseling Psychology*, 51 (3), 275-28.
- De Masi, D. (2000). *O futuro do trabalho. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Lisboa: Celta Editora
- Gilmer, B. von Haleer. Applied Psychology. In Mosquera, J. J. M. Pessoas, Trabalho e Significados. 2004. Disponível em: <[www.pucrs.br/feecultura/2004/agosto/palestra.pdf](http://www.pucrs.br/feecultura/2004/agosto/palestra.pdf)>. Acessado em: 22 de março de 2012
- Gonçalves, C.M. & Coimbra, J. L. (2004). *Que significa trabalhar? ESAT, uma escala para avaliar os significados do trabalho*. Comunicação apresentada na X Conferência Internacional sobre "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga, Universidade do Minho, 15-18 de Setembro de 2004.
- Gonçalves, C. M. & Coimbra, J. L. (2007). Significados e centralidade do trabalho nas sociedades ocidentais contemporâneas: uma abordagem psicológica e histórico social. *Psychologica*, 44, 401-426.
- Gonçalves, C. M. (2008). *Pais aflitos, filhos com futuro incerto? Um estudo sobre a influência das famílias na orientação dos filhos*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Lassance, M.C., & Sparta, M. (2003). A Orientação Profissional e as Transformações no Mundo do Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1/2), p.13-19.
- Luper, J. L., Cannon, E., & Telfer, J. A. (2004). Gender differences in adolescents academic achievement, interests, values and life-role expectations. *High Ability Studies*, 15, 25-42.
- Mau, W., & Bikos, L. H. (2000). Educational and Vocational aspirations of minority and female students: a longitudinal study. *Journal of Counselling and Development*, 78, 186-194.
- Mello, Z. R., & Worrell, F.C. (2006). The relationship of time perspective to age, gender, and academic achievement among academically talented adolescents. *Journal for the Education of the Gifted*, 29, 271-289.
- Mosquera, J. J. M. (2004). *Pessoas, Trabalho e Significado*. Recuperado em 22 de março de 2012. <http://www.pucrs.br/feecultura/2004/agosto/palestra.pdf>
- Ribeiro, C. V. dos S., & Léda, D. B. (2004). O Significado do Trabalho em Tempos de Reestruturação Produtiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 4, N. 2, 2º semestre*.
- Richardson, M. S. (1993). Work in people's lives: a location for counseling psychologists. *Journal of Counseling Psychology*, 40, 425-433.
- Rushdie, S. (1991). *Imaginary homelands*. Londres: Granta Books.
- Sennett, R. (2009). *O Artífice*. Trad. Clóvis Marques. RJ/SP: Ed. Record.
- Sobral, J. M., Gonçalves, C. M., & Coimbra, J.L. (2008): *A influência da Situação Profissional Parental no Desenvolvimento Vocacional*. Dissertação de mestrado, realizada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.